

Casa-grande & senzala na poesia brasileira

Prof. Ms.Éverton Barbosa Correia¹ (USP)

RESUMO: O desenvolvimento de nossa poesia também tem se guiado pela identificação da realidade brasileira, o que de pronto se coloca nas suas particularidades de fatura. Na esteira desse raciocínio temos o Casa-grande & senzala, que se converteu em matéria de poesia na produção de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto. Entre a publicação do poema de Bandeira “Casa-grande & senzala” (1948) e o de João Cabral “Casa-grande e senzala, quarenta anos” (1974) há um lapso de tempo que nos permite talvez enxergar as transformações por que passou o entendimento da obra gilbertiana, bem como os percalços que a poesia brasileira vem seguindo.

Palavras-chave: *Poesia moderna brasileira, Manuel Bandeira, Gilberto Freyre, Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto.*

Introdução

O convívio literário nutrido por Gilberto Freyre desde a infância lhe permitiu não só o reconhecimento entre seus pares, mas também fez com que muitos artistas visualizassem sua obra ensaística como matéria a ser formalizada. Em meio a esses, alguns autores também se ocuparam do universo familiar do antropólogo como elemento de composição, donde resultou o aparecimento de sua filha, Sônia Maria, ou ainda, de sua neta, Ana Cecília, no interior da obra de alguns daqueles que desfrutavam do universo familiar freyriano. Tudo isso dá a dimensão de que o contato com autores literários não se limitava a simpatias ideológicas ou formais, mas se estendia a uma vivência também experimentada no Solar de Apipucos, para onde convergiam vários escritores que vieram a constituir a tradição literária que hoje é mais freqüentada entre nós. Refiro-me a Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto, a pretexto de circunscrever o templo das musas como gênero de abordagem. Com esses, além de a poesia brasileira estar bem representada, expande-se na matéria que se depreende do **Casa-grande e senzala**.

Talvez seja preciso destacar, ainda, que os três poetas mencionados reforçam o coro daqueles que devotaram composições à filha do escritor recifense, quando não à sua neta, por ocasião da celebração dos seus quinze anos, o que implica acionar uma compreensão de literatura que passa pela vivência mesma, ainda que restrita ao âmbito familiar. Isso decerto merecerá atenção em trabalho futuro, já que agora o foco incidirá sobre a acepção que o livro fundador do ideário gilbertiano toma em três momentos distintos de nossa recente história literária, se a quisermos ilustrada pela voz dos três eleitos.

Isso posto, interessa saber como o tema acionado por poetas vem a ser revelador de suas respectivas composições, bem como uma obra de início atrelada a outros ramos do conhecimento pode ser assimilada pela literatura, levando em conta particularidades da disciplina, para as quais o estilo gilbertiano serve de ótima figuração, como já havia

¹ Everton Barbosa CORREIA; Doutorando (Universidade de São Paulo - Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada); evertonbcorreia@gmail.com

notado Carpeaux. Aí decerto encontraremos um elemento de abordagem oportuno para fazer a ponte entre o que é literatura e disciplinas afins, até porque a produção gilbertiana se presta aos interesses mais variados, que vão da antropologia à história e assim também tem sido observada desde sua primeira publicação.

1. Bandeira de memória e de história

Observando o nosso passado colonial ou a história pulsante dos seus dias, Gilberto Freyre fixa um olhar que se fia pela elasticidade do seu desempenho estilístico que varia de acordo com a necessidade da obra. O seu estilo vem a ser, sob essa perspectiva, expressão de um sujeito que se revela testando os limites do mundo que gira ao seu redor e que estrutura uma maneira de ver o que se quis como realidade tangível. Assim colocado, a tensão do problema se verifica através do seu estilo, que se desdobra da prosa ensaística para a ficcional, passando pela crítica literária, para chegar à sua **Talvez poesia**. Pensando a contrapelo, assim como Manuel Bandeira já havia considerado a passagem da esfera sociológica para a lírica – ao interpretar o livro de poemas de Gilberto Freyre -, algo semelhante acontece quando o antropólogo se volta para a apreciação do poeta, desenvolvendo uma estratégia de leitura contígua às suas demais interpretações de textos poéticos, com um estilo que reincide noutros escritos seus mais longínquos, de corte predominantemente sociológico. Naquela ocasião, Gilberto Freyre faz uma comparação da poesia bandeiriana com o bolo “Palácio encantado”, cuja referência ganha sentido não pelo pitoresco, que o ensaísta rejeita, mas pela capacidade de traduzir uma experiência singular que se estende, por sua vez, à singularidade dos outros homens, como o poema ilustra bem.

“Casa Grande & Senzala”

“Casa Grande & Senzala”
Grande livro que fala
Desta nossa leseira
 Brasileira.

Mas com aquele forte
Cheiro e sabor do Norte
- Dos engenhos de cana
 (Massangana!)

Com fuxicos danados
E chamegos safados
De mulecas fulôs
 Com sinhôs!

A mania ariana
Do Oliveira Viana
Leva aqui a sua lambada
 Bem puxada.

Se nos brasis abunda
Jenipapo na bunda,
Se somos todos uns
 Octoruns,

Que importa? É lá desgraça?
Essa história de raça,
Raças más, raças boas
- Diz o Boas -

É coisa que passou
Com o franciú Gobineau
Pois o mal do mestiço
Não está nisso.

Está em causas sociais,
De higiene e outras que tais:
Assim pensa, assim fala
Casa Grande & Senzala.

Livro que à ciência alia
A profunda poesia
Que o passado revoca
E nos toca

A alma do brasileiro,
Que o portuga femeeiro
Fez e o mau fado quis
Infeliz!

Forçoso é constatar que, à época de publicação do poema (1948), havia um consenso quanto à depuração das características nacionalizantes, donde se destaca nossa produção sociológica da década de 30, em meio à qual a obra de Gilberto Freyre se coloca muito distintamente e cujos desdobramentos se estenderam às décadas seguintes, à medida que a amizade entre os dois autores se convertia em resultado objetivo, a exemplo do que foi coligido depois em **Crônicas da província do Brasil**. A partir disso, outro é o sentido que devemos atribuir ao aparecimento de menções a cientistas sociais e à terminologia científica presente no poema de Bandeira, que, além de apontarem para características internas à obra gilbertiana, remontam também uma reivindicação da época, quando determinações científicas estavam na ordem do dia, como índice de revelação de nacionalidade e revisão de princípios acionados em fins do Oitocentos, que ainda respingavam na República Federativa do Brasil.

Não custa acrescentar que há uma coincidência entre a revisão dos princípios científicos que regeram o desenvolvimento de nossas ciências sociais e dos que nortearam a produção literária brasileira na primeira metade do século XX. Publicado em 1948, o **Mafuá do malungo** viria não só celebrar o **modernismo**, a exemplo do poema devotado a Mário de Andrade após seu falecimento, mas também iria rever nossa tradição. Inclusive através do legado português, em função do qual **Casa-grande e senzala** se afigura como emblema possível, na medida em serviu de pólo aglutinador de toda uma geração de autores literários e pensadores da cultura brasileira, bem como confere outro sentido à nossa colonização.

Ao conjugar essas dimensões que, nalgum momento, se colocaram como contraditórias, o poema de Bandeira aponta para uma síntese que, sem renegar o passado brasileiro mais remoto, enxerga os desdobramentos da colonização ainda atuantes na ordem dos seus dias. Tendo sido participante ativo da vida literária e intelectual do Brasil moderno, cumpria que se posicionasse também nesse momento de

virada de nosso desenvolvimento, mercê do qual o poema pode exercer papel ilustrativo. Além das referências explícitas ao livro **Casa-grande e senzala**, que podemos perceber através dos chamegos e fuxicos entre sinhôs e fulôs, destacam-se algumas referências que permearam o universo gilbertiano, tais como alguns dos estudiosos que o influenciaram de maneiras distintas. Também por isso, a leitura que o poeta faz do livro enxerga nos problemas sociais algum poder de revelação da nossa cultura, onde passado e poesia estão amalgamados de tal forma, que a ciência ali esculpida passa a nos tocar mais do que qualquer descoberta que pudesse adquirir estatuto científico. Antes, é pela sua capacidade de misturar termos aparentemente díspares e desencontrados que toca na alma do brasileiro, feita e benquista como infeliz.

2. A memória que vai da casa à rua

Alguns anos após a publicação do poema de Manuel Bandeira, vai surgir em meio aos poemas de Carlos Drummond de Andrade um outro que também aborda a obra do antropólogo pernambucano. Destaca-se, ainda, que nos primeiros anos da década de cinquenta, quando o poema é publicado, Drummond também já é reconhecido e, como o outro poeta, não hesita em considerar na obra de Gilberto Freyre o que se faz matéria de poesia. Daí se depreende que em menos de vinte anos de sua primeira publicação, **Casa-grande e senzala** já tinha se tornado um clássico não só para as ciências sociais, mas, sobretudo, para leitores que tinham outro alvo de interesse e que consideravam o livro elemento de representação do Brasil.

A considerar o assunto que anima o **Casa-grande e senzala**, o perfil de Drummond se ilumina de outro modo quando confrontado ao livro, a despeito de ele não se tratar exatamente de um rebento tardio do patriarcado canavieiro. A observação ganha pertinência na medida em que dá a dimensão de até onde poderiam ir os laços de afinidade existentes entre o antropólogo pernambucano e o poeta mineiro. O tracejado do círculo que envolve os dois autores parece se tornar mais nítido quando da focalização do perfil do próprio Gilberto Freyre, que, gradativamente, vai se desprendendo do eixo que o encerra na produção científica, para acentuar os tons de sua produção ensaística e encaminhá-la para a produção literária mesma.

Neste terreno, além da prosa ficcional, vamos encontrar também o seu volume **Talvez poesia** (1962) – dedicado a Drummond -, que dialoga com outros planos de sua produção. A este respeito, interessa destacar o cordão de poetas que esteve em volta do já “velho aprendiz de poeta”, como o próprio se diz. Além dos já mencionados Bandeira e Drummond, interferiram de maneira direta na performance poética gilbertiana Ledo Ivo e Mauro Mota, que se empenharam em dar forma poética a passagens da prosa que vai de **Sobrados e Mucambos** a **Assombrações do Recife velho**, sem desconsiderar o **Guia prático e sentimental da cidade do Recife**, além do próprio **Casa-grande e senzala**, como se vê.

A Gilberto Freyre

Velhos retratos;receitas
de carurus e guisados;
as tortas Ruas Direitas;
os esplendores passados;

a linha negra do leite
coagulando-se em doçura;

as rezas à luz do azeite;
o sexo na cama escura;

a casa grande; a senzala;
inda os remorsos mais vivos,
tudo ressurg e me fala,
grande Gilberto, em teus livros.

Sendo de Drummond, este poema se faz bastante curioso não só pela menção à obra de Gilberto Freyre num espectro mais amplo, mas sobretudo porque este é o mecanismo que permite ali a exploração do espaço interior da casa. A curiosidade se aguça, por se tratar de um autor eminentemente urbano, que oscila entre os ditames da cidade grande e uma cidadezinha qualquer. Outra será a visada que se esboça no poema – publicado de início no **Viola de bolso** (1952) -, que não aponta para o espelho quebradiço da civilização moderna e nem para os despojos rebotalhados do seu sujeito, cuja experiência junto à memória daí decorrente não demora em se esfumar. Em vez disso, vamos encontrar no poema uma sucessão de marcas que nos conduzem muito concretamente para o interior de uma casa brasileira, impregnada de experiência histórica, cuja revelação se dá por meio de carurus e guisados; a linha negra do leite e o sexo na cama escura; os remorsos mais vivos e o grande Gilberto em seus livros.

A utilização do plural para designar a obra de Gilberto Freyre demonstra bem que o poeta não está se referindo exclusivamente ao livro **Casa-grande e senzala**, muito embora a ele se refira através das marcas arquitetônicas expressas no seu título, que se espriam pelo seu interior e pelo restante da sua produção, como índice da sociabilidade que se desenvolveu em terras brasileiras: “as tortas ruas direitas” figurariam, nessa perspectiva, o limite do espaço residencial, estendido ao longo da obra do antropólogo que aborda a vivência colonial através de seus modos de habitação, até chegar aos nossos dias quando o valor de representação residencial vai ser diluído. Esse acompanhamento do tempo na obra do antropólogo, através dos traços arquitetônicos, não é menos significativo quando se volta para o que se processava no interior das casas, que se arrastaram até o início do século XX como forma de habitação característica ao homem brasileiro.

O mesmo século cujos primeiros raias nos trouxeram tanto o antropólogo pernambucano quanto o poeta mineiro. Isso nos permite supor a convivência de experiências semelhantes, uma vez que ambos tiveram contato com o universo agrário, apesar da distância geográfica que os separou no primeiro momento. Acontece que, ao contrário do antropólogo, o poeta se afastou de modo terminante daquele universo, que em geral só aparece na sua obra como figuração das reminiscências de sua memória. Embora não tenha se detido sistematicamente à exploração do universo familiar rural, a exemplo de um Jorge de Lima ou de um João Cabral de Melo Neto, sua poesia é constituída de uma matéria que não deixa de lhe fazer remissão. Por isso, não é de todo estranho a simpatia para com a narrativa de Gilberto Freyre, onde o mundo rural brasileiro aparece com força imprevista, porque incrustada no plano simbólico.

Não é muito outro o caminho que trilha a poesia de Drummond, se pensada em razão de um entrave que lhe é constitutivo e que se evidencia mais nitidamente em volta de um sujeito que, sendo oriundo do mundo agrário, não se confina e nem se conforma às determinações da urbanidade. A cidade se faz um problema para o poeta mineiro sobretudo e fundamentalmente porque ele é um sujeito enraizado em Itabira do Mato Dentro. Considerado o poema, nestes termos, agora encontraríamos um correspondente adequado à sua colocação como sujeito, porque ali não precisa fazer nenhum inventário

da ruralidade mineira, o que, aliás, é bem compatível com sua condição de poeta. Além disso, o espaço residencial interior de um local remoto dalgum rincão do Brasil fica muito mais bem revestido de carga representativa quando tomado como reflexo da prosa do outro, com o qual ele não deixa de se identificar. Assim posta, a questão nos sugere que decerto haverá alguma relação entre valorização do espaço residencial presente no poema – ilustrativo de uma série de composições do mesmo volume, publicado em 1952 - e a explosão imobiliária também deflagrada na década de 50, cujo ápice formal é a construção de Brasília e as demais realizações arquitetônicas de Oscar Niemeyer.

Na arquitetura do poema, podemos confrontar as considerações de ordem formal num plano mais amplo com a pontuação que lhe serve de base, onde há uma desestabilização provocada pela tonalidade expressiva impressa nas redondilhas. Por outro lado, a mesma pontuação é que vai imprimir um ritmo malemolente e escorregadio no fraseado dos versos. De modo que se tomarmos o núcleo da composição como sendo a estrofe intermediária - pensada através da pontuação -, ali se radica uma contradição semelhante à expressa na obra de Gilberto Freyre, onde a linha negra do leite se coagulando em doçura remete-nos de imediato à condição hostil vivida pela mãe-de-leite que oferece o peito docemente, tal como o universo da cana-de-açúcar pede e reclama.

3. Comemoração e celebração de “Casa-grande e senzala”

Afora a influência e a admiração causadas por Gilberto Freyre em João Cabral de Melo Neto desde sua primeira mocidade, o poeta nunca escondeu a simpatia para com o primo de segundo grau, até o fim de seus dias. Tendo se valido de uma sobra de papel de uma publicação de Gilberto Freyre para lançar seu primeiro livro, **Pedra do sono**, o universo canavieiro vai aparecer até certa altura da produção cabralina submersa à sua estrutura e com regularidade pontual na sua obra de maturidade, apesar de não ter sido esse o alvo de abordagem privilegiado pela sua crítica. Isso tudo nos desconserta quando nos deparamos com um livro como **Museu de tudo**, que destoa da obsessão arquitetônica do poeta e, talvez por isso, comporte em seu interior uma ilustração do **Casa-grande e senzala**. Distenso e incontido como é, o livro de Gilberto Freyre ganhou naquela circunstância adequação muito própria, já que esse livro de poemas assenta muito habilmente o disperso à estruturação, tornando-se verdadeiro divisor de águas da obra cabralina. A partir desse livro, o autor passa a assimilar explicitamente outras variantes de composição, dentre as quais o temário vai ser revigorado pelo universo de sua infância, irrompida em meio a engenhos de cana-de-açúcar, por conseguinte, entranhada pelo quadro de referências que **Casa-grande e senzala** manipula, embora com outra angulação, que também se revela na composição que se segue.

Casa-grande & senzala, quarenta anos

Ninguém escreveu em português
no brasileiro de sua língua:
esse à-vontade que é o da rede,
dos alpendres, da alma mestiça,
Medindo sua prosa de sesta,
ou prosa de quem se espreguiça.

As marcas distintivas do poema passam pela fixação do autor em equilibrar tudo quanto se pusesse diante dos seus olhos, donde se depreende uma ostensiva simpatia pelo número “quatro”, que passaria a ser símbolo de racionalização na sua obra. O título revelaria, pois, a potencialização desse procedimento em base dez, para se chegar aos quarenta. Deste modo, ele faz um percurso inverso ao de Gilberto Freyre, posto que a poesia passe a ter legitimidade quase científica devido ao estreito enquadramento do dado objetivo, enquanto que na obra daquele outro o elemento histórico é apresentado sob um fluxo narrativo afim ao literário.

Levando em conta que a escrita do antropólogo se tornou alvo das considerações as mais oscilantes, inscrever sua leitura no estilo desenvolvido é algo mais do que tratá-la objetivamente, a considerar o enunciado do dístico de abertura: “Ninguém escreveu em português/ no brasileiro de sua língua”. Além disso, insinua-se um movimento de apreciar aquela obra a partir das considerações que se colocavam na ordem do dia. Sendo João Cabral sabedor das correntes de interpretação que vigoraram naquele momento, nada melhor do que submeter a leitura de Gilberto Freyre a uma apreciação estilística, que se afirmava pelo seu filão espanhol, de cujo enraizamento ambos autores são simpáticos. Desse modo, o poeta encontrava não só um correspondente científico a que a obra do antropólogo pudesse se submeter, mas também um que fosse ao encontro de suas reivindicações e expectativas.

A cientificidade aplicada ao objeto literário que tinha andamento tão em voga, naquele momento, parece assimilar novos contornos, evidenciados quando correntes estilísticas vão apontar para a necessidade imperativa da observação da realidade, sem abrir mão das conquistas científicas alcançadas. Também agora, algumas décadas após a estrondosa publicação de **Casa-grande e senzala**, literatura e ciência social voltam a se aproximar como termos compatíveis, e não só como estratégia de apreciação literária – o que também já havia sido feito por Gilberto Freyre na década de quarenta, por ocasião do seu “literatura moderna no Brasil” –, mas também como uma encruzilhada que vem a ser a razão de existir de uma produção que se quer simultaneamente científica e literária, o que Amado e Dámaso Alonso produziram a contento em língua espanhola.

Sendo assim, o estilo gilbertiano, tal como foi retalhado no poema – entre redes e alpendres, alma mestiça e prosa de sesta –, pode ser compreendido como algo que se oferece mais como índice de representação do que distúrbio de personalidade. Viés de exploração a que sua obra se submeteu nas décadas de sessenta e setenta ostensivamente, além de ter sido aquela que talvez tenha provado com maior rigor e sistema tal estratégia de apreciação. Excetuadas as singularidades do autor que são muitas e maiores quando vistas a olho nu, sua obra tem se permitido apanhar dos mais variados modos, inclusive por autores literários como os que vimos aqui. No último caso, até porque João Cabral esteve distante do país, pela própria condição do ofício de diplomata, não absorveu as modas intelectuais na intensidade e na temporalidade que se abateram sobre nós. Também por isso no momento em que Gilberto Freyre era execrado nas universidades brasileiras, João Cabral produz um poema de homenagem e celebração, porque estaria muito mais próximo dos ambientes universitários franceses e ingleses, onde a obra do seu primo se afigurava como verdadeira boa nova naquele momento.

Conclusão

O fato é que na medida em que há um arrefecimento das reivindicações programáticas de movimentos literários, cada autor se utiliza à sua maneira da referência que se lhe dispõe. Assim sendo, o que pode valer como um raciocínio genérico verifica-se também quando incorporamos um tema específico, tal como é o

caso da matéria descolada do patriarcado canavieiro, cujo maior cronista é sem dúvida Gilberto Freyre. Sua obra, tomada à larga como expressão desse universo, vai adquirir os mais variados desdobramentos na poesia brasileira. Onde se ressaltam as particularidades que animam a obra dos poetas que assimilaram as características da prosa ensaística gilbertiana, seja em tema ou em estilo. De todo modo, também é possível perceber a partir daí a oscilação dos valores e princípios que animaram a vida intelectual brasileira ao longo do século XX, o que implica considerar tanto as matrizes científicas que aqui vogaram naquele momento, bem como a compreensão de literatura que veio sofrendo suas mais agudas transformações. É preciso destacar, ainda, que o vão existente entre um e outro domínio do conhecimento foi visitado a todo o tempo de maneira dinâmica e atuante. Isso pode ser considerado também como um traço de nossa produção intelectual moderna, seja sob o interesse da literatura ou da ciência social, ainda que guardando as especificidades das respectivas esferas, conforme a feição dominante correspondente a cada publicação.

Esse movimento em mão dupla, tão característico já em nossa formação literária, viria ser desdobrado agora, a partir de vozes individuais, queira-se considerado o lastro cultural que remonta nossa colonização ou, ainda, aproveitando o legado construído na modernidade. De um modo ou de outro, os índices de sociabilidade presentes entre nós não deixam de comparecer como constituinte das obras, cuja matéria não cessa de focalizar problemas que, vistos em perspectiva sob uma ótica ou outra, vêm a revelar da diversidade se não da realidade brasileira, ao menos dos modos como tem sido tratada pelos nossos poetas. Acompanhando o percurso cronológico exposto, teremos um ponto de observação como síntese possível entre várias reivindicações que animaram os movimentos literários da primeira metade do século XX; outro que se volta para as contradições envoltas entre o universo agrário e o urbano através do espaço residencial; e o outro, ainda, que depura as valorações consignadas ao antropólogo brasileiro, escorado em suporte teórico estrangeiro, a partir do qual a recepção conferida à obra gilbertiana durante a ditadura empalidece como elemento de cultura e de representação social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.
- [2] BANDEIRA, Manuel. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.
- [3] _____. **Crônicas da província do Brasil**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- [4] _____. Gilberto Freyre Poeta in: **Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962. p. 79-84
- [5] CARPEAUX, Otto Maria. Uma página de Gilberto in: **Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962. p. 150-157
- [6] FREYRE, Gilberto. **Talvez poesia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

- [7] _____. **O outro amor de Dr. Paulo.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.
- [8] _____. **Perfil de Euclides e outros perfis.** Rio de Janeiro: Record, 1987.
- [9] _____. **Dona sinhá e o filho do padre.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- [10] _____. **Novo mundo nos trópicos.** Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.
- [11] _____. **Além do apenas moderno.** Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.
- [12] _____. **Casa-grande & senzala.** São Paulo: Global, 2003.
- [13] _____. **Três histórias mais ou menos inventadas.** Brasília: Editora Universidade de Brasília/ São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003.
- [14] MELO NETO, João Cabral de. **Obra completa.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.